



Rosana Onocko: "Precisamos cobrar do Governo Federal que o SUS exerça seu trabalho para completar o esquema vacinal da população"

Após dois anos da pandemia de Covid-19, assistir ao retorno da média de mil mortos diários por conta da variante ômicron reforça o descompromisso que o governo Bolsonaro teve com o SUS (Sistema Único de Saúde) e com a vida de milhões de brasileiras e brasileiros. Para Rosana Onocko Campos, presidente da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), estancar a crueldade que mobiliza a Administração federal exige, no médio prazo, um posicionamento assertivo da sociedade para fazer valer o Sistema como uma política de Estado e, no curto prazo, concentrar esforços nas ações conjuntas das equipes de Atenção Básica e Vigilância em Saúde para garantir que a população complete o esquema de imunização.

"Está difícil para os profissionais da Atenção Básica saberem quem tomou a 2ª ou 3ª dose e irem em busca dos não imunizados e com esquema incompleto. Sem dúvida nossa taxa de vacinação deveria ser maior. Além disso, não temos uma imunização homogênea: há cidades e regiões do país com menos de 40% de cobertura".

Professora livre-docente da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM/Unicamp), Rosana receia, ainda, que o cenário desse início de ano possa se manter com a média de óbitos elevada pelos próximos meses.

"Temos bares, festas e jogos de futebol. Suspenderam só o carnaval, mas todo resto seguiu. Ainda

demoraram propositalmente o início da vacinação das crianças, e elas estão começando as aulas sem a devida proteção. O nosso sentimento é de comoção pela dor que tantas famílias brasileiras estão passando desnecessariamente".

Para ela, a experiência da pandemia ensina ao Brasil que é necessário fortalecer as instituições públicas com funcionários de carreira e excelente nível técnico, bem como garantir um sólido corpo normativo e legal e, assim, diminuir o aparelhamento do SUS pelos governos de turno. "O SUS funciona praticamente por conta de portarias, isso não é mais aceitável. Precisamos de mais e melhores leis nesse campo".

A carga de doenças crônicas mal acompanhadas, como cânceres com diagnóstico tardio, taxas de depressão e suicídio em todas as faixas etárias, complicações advindas da hipertensão e diabetes mal controladas, aumentaram na pandemia e deverão deixar marcas. Dependerá de como conseguiremos fazer o SUS funcionar neste e nos próximos anos para superar os gargalos e as sequelas nos médio e longo prazos. Tal desafio não será possível sem uma mudança radical na política de financiamento do setor saúde.

"Precisamos combater o subfinanciamento e os mecanismos que o legitimam, como a Emenda Constitucional 95. Nunca como na pandemia o SUS pôde ser conhecido por aqueles que não o utilizavam, nem valorizado pelos seus usuários habituais. Nós, sanitaristas, temos a obrigação de mostrar onde, como e para que os recursos devem ser investidos", ressalta Rosana, destacando o documento "[*Fortalecer o SUS, em Defesa da Democracia e da Vida*](#)", publicado pela Abrasco no ano passado e que aponta vários caminhos viáveis para fortalecimento do sistema de saúde, tema que será central na disputa eleitoral deste 2022.

"Caberá às entidades da sociedade civil levantar reivindicações e propor soluções passíveis de serem implementadas. A Abrasco e a Frente Pela Vida estarão empenhadas nos próximos meses na elaboração de documentos e mobilizações que reúnam propostas para o debate da saúde durante as próximas eleições".

#somosabrasco

Bruno C. Dias – Coordenador: brunodias@abrasco.org.br (21) 99903-5838

Hara Flaeschen – Jornalista: hara@abrasco.org.br (21) 96562-2292

Letícia Maçulo – Jornalista: leticia@abrasco.org.br (21) 97009-7574

Contato Geral: comunica@abrasco.org.br (21) 98578-1640

Cadastre-se no nosso mailing

Acompanhe a Saúde Coletiva



ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva
CNPJ: 00.665.448/0001-24